

ESCOLA ESTADUAL “BRASIL”: ENTRE MEMÓRIAS E IMAGENS

WILSON RICARDO ANTONIASSI DE ALMEIDA (UNESP – RIO CLARO).

RESUMO

Este trabalho retrata a história da Escola Estadual “BRASIL”, instituição de ensino público mais antiga em funcionamento no município de Limeira, Estado de São Paulo. A atenção se concentra no estudo do processo educacional e a análise do projeto pedagógico, relacionando aspectos relativos à educação através de memórias (depoimentos) e imagens (fotografias). Os depoimentos e fotos revelam um conjunto de flagrantes de situações do cotidiano escolar, descrevendo aspectos instigantes e a materialidade dos processos organizacionais e simbólicos implicados neste contexto específico, permitindo aos olhos de quem vê as suas interpretações. O recurso a depoimentos e às imagens deu-se através de um trabalho arqueológico em arquivos e cartografia dos sentidos, compondo um tecido a partir do uso de duas linhas: a linha da diacronia e a linha da sincronia, o olhar sobre as imagens do presente se articulou com o olhar sobre o passado, construindo-se um dispositivo de interpretação das relações entre a escola e o tempo. O debate sobre o sentido da escola para o momento em que vivemos ganha vigor quando é sustentado por um vínculo com a materialidade de uma experiência, e é a experiência de todos que se envolveram com a escola que é trazida para este estudo. O percurso realizado pelo interior do território das imagens dá as condições necessárias para desenhar o mapa dos sentidos da ação educacional e a viagem pela memória de muitos, através de relato de vários episódios, permitindo reunir fragmentos de sentidos e afetos. A relação com a escola em um tempo mais imediato é feito por meio de enfoque sincrônico, utilizando-se de análises das mudanças ocorridas ao longo dos anos no processo educacional e na instituição escolar e refletindo sobre a função da escola para o século XXI.

Palavras-chave: História da educação, Escola, Memória.

1. ESCOLA ESTADUAL “BRASIL”

Atualmente, a Escola Estadual “BRASIL”¹ é a instituição de ensino público mais antiga em funcionamento no município de Limeira, estado de São Paulo, já que o Grupo Escolar “Coronel Flaminio Ferreira de Camargo”² encontra-se desativado. É constituída por uma bela fachada, tendo à sua frente o Largo José Bonifácio, com área arborizada de 1.936,58 m². Seus pátios e dependências possuem uma área de 7.159,00 m², sendo desses, 2.423,90 m² de área construída e juntamente com o largo ocupam um quarteirão completo da cidade.

No decorrer dos anos, além de transformações físicas, como a sua ampliação, com a construção de outro prédio e o crescimento das árvores que hoje praticamente escondem sua bela fachada, a clientela da escola também não é mais a mesma. Devido a localizar-se no centro da cidade, em uma área comercial e ao ensino de qualidade proposto pela escola, a procura de vagas é grande, no entanto, a clientela que, anteriormente, situava-se circunscrita em bairros próximos à escola, apresenta-se hoje muito dispersa, a maioria proveniente de

¹ Segundo Grupo Escolar de Limeira.

² Primeiro Grupo Escolar de Limeira.

inúmeros bairros da cidade. Por isso, a clientela escolar é bastante diversificada, oriunda de famílias, em sua maioria, de baixa renda familiar e de baixa escolaridade.

A Escola Estadual “BRASIL” funciona em três períodos, sendo o período da manhã das 7h às 12h20min; período da tarde das 12h40min às 18h; período noturno das 19h às 23h, atendendo mais de 2400 alunos por ano e oferecendo as seguintes modalidades de ensino: Ensino Médio Regular no período da manhã; Ensino Fundamental no período da tarde e Ensino Médio Regular e Educação de Jovens e Adultos no período noturno.

Ao longo do tempo, esta escola consagrou-se numa instituição educacional de tradição, orgulho e de relevante importância para o desenvolvimento da cidade, responsável pela instrução e formação de várias gerações de cidadãos. Contudo, mesmo diante do grande valor depositado a esse estabelecimento de ensino, constatou-se a ausência de bibliografia referente a ele, pois a compreensão em relação a essa escola não passava muito além de um passado recente até o presente momento, sendo inaceitável o seu anonimato perante a sua sociedade. Em consequência dessa circunstância, este trabalho teve como finalidade trazer à tona o passado remoto e desconhecido desse educandário, ou seja, registrar e apresentar a sua história, relacionando-a a aspectos relativos à educação e à cidade.

Esta história foi contada pelas pessoas que tiveram suas próprias vidas em interação com a escola, abordando os múltiplos momentos dessa relação – ao longo da existência da instituição, a partir de lembranças e de fotografias dos acontecimentos contemporâneos às suas vivências, possibilitando reunir os fragmentos necessários para descrever o cotidiano escolar por meio de relatos de muitos episódios. Essa junção de relatos e imagens fotográficas proporcionou um conhecimento mais íntimo da escola, no entanto, há muito ainda a ser desvendado, visto que o então presente já se tornara passado.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Como recurso importante para a metodologia, de modo a reconstituir a história dessa escola, fez-se a opção pelo estudo de imagens fotográficas, pois elas, “podem oferecer-nos uma visão histórica do meio e dos seus participantes” (BOGDAN; BIKLEN, 1994: 184), remetendo a questões físicas e simbólicas características de cada período e revelando a diversidade de situações do cotidiano escolar, permitindo análises e reflexões. Além disso, a fotografia é uma fonte histórica e está sujeita às variáveis técnicas e estéticas do contexto que as produziram, assim como das diferentes visões de mundo que concorreram no jogo das relações sociais (GOMES, 2003). A fotografia oferece um registro restrito, no entanto poderoso das ações temporais e dos acontecimentos reais - concretos e materiais, tendo como aplicações para a pesquisa a documentação da especificidade da mudança histórica e a realização de sua leitura a fim de obter uma informação cultural-histórica (LOIZOS, 2002).

Durante os momentos iniciais de investigação, a busca por fotografias e outros documentos deu-se a partir de um trabalho arqueológico, por meio de visitas a arquivos: museu da cidade, arquivo municipal, imprensa do município e do próprio arquivo da escola, no entanto, verificou-se a escassez de material referente aos períodos mais antigos - a partir da década de 30 - já que o acesso à fotografia era muito restrito para aquela época. Isto implicou na decisão de recorrer também à coleta de depoimentos de alunos e ex-alunos, professores e ex-professores e funcionários e ex-funcionários como outro meio para auxiliar na constituição da história dessa escola que, devido à ausência de bibliografia, ela encontrava-se gravada apenas em fotos e nas lembranças dessas pessoas.

O processo de coleta de depoimentos aconteceu por meio de garimpagem no arquivo da escola, e a partir de consulta aos livros de movimento - antigo livro ponto, livros de matrículas de alunos e de agendas de telefone, foram selecionados vários nomes de ex-alunos, de ex-professores e ex-funcionários dos diversos períodos ao longo da existência da

instituição de ensino que, posteriormente, começaram a ser contatadas. A prioridade foi por pessoas que possuíam, em seus arquivos familiares, fotos de alguma situação do cotidiano escolar, pois a partir delas pode-se recolher lembranças de suas relações com a escola, assim como das situações observadas nas fotos. Ocupando o lugar de um cartógrafo atento foi possível registrar os sentimentos e emoções que emergiram durante essas recordações.

A utilização de depoimentos, principalmente dos sujeitos presentes nas imagens fotográficas, possibilitou contextualizar com maior riqueza as situações nelas apresentadas, pois apenas o uso da fotografia mostrou-se insuficiente para fazer interferências de caráter histórico. A fotografia deve necessariamente ser associada a outros dados de pesquisa - depoimentos orais, documentos, mapas, dados bibliográficos, além de outras fotos - para que as informações contidas possam ser visualizadas pelo pesquisador dentro de um contexto mais amplo, permitindo a ele explorar ao máximo os dados registrados naquele suporte fotográfico (SIMSON, 1996).

Dentre os sujeitos que contribuíram para o registro dessa história, estavam alunos e ex-alunos, professores e ex-professores, funcionários e ex-funcionários, sendo encontradas centenas de fotos e colhidos 89 depoimentos. Mereceu destaque o fato de que alguns ex-alunos, mais tarde, tornaram-se professores e funcionários desta escola. Isto permitiu reportar a visões diversas do ambiente escolar, cada qual de acordo com sua situação perante a instituição. As fotos encontradas foram fotocopiadas e digitalizadas, para futura seleção e utilização na pesquisa, tendo suas originais devolvidas a seus proprietários. Os depoimentos transcorreram de forma não roteirizada, sendo uma parte gravada em áudio e transcrita, principalmente daqueles mais idosos, e outra escrita pelo próprio depoente.

Pode-se, desta forma, compor um tecido fazendo o uso de duas linhas: a linha da diacronia e a linha da sincronia. O olhar sobre as imagens fotográficas do presente articulou-se com o olhar sobre o passado, e assim construiu-se um dispositivo de análise das relações entre a escola e o tempo. O percurso realizado pelo interior do território das imagens fotográficas forneceu as condições necessárias para desenhar o mapa dos sentidos da ação educacional. A este esforço foi somado o registro de cenas das situações mais diversas, formando um conjunto de flagrantes colhidos no cotidiano escolar, permitindo, aos olhos de quem vê as suas interpretações.

3. ENTRE MEMÓRIAS E IMAGENS

A análise de documentos e a leitura e a interpretação de fotografias e depoimentos possibilitaram expressar sentimentos, fatos e emoções, elaborando-se uma espécie de radiografia da escola, flagrada ao longo de sua existência, utilizando-se de aspectos que caracterizam as relações e situações do ambiente escolar e do ensino. O pesquisador pode ocupar o lugar de cartógrafo na lida da investigação, assim como o leitor também poderá acompanhá-lo em um exercício de mapeamento dos sentidos emergentes nos processos educacionais registrados pelas imagens fotográficas e pelos testemunhos de pessoas que se envolveram com a escola.

3.1. Segundo Grupo Escolar de Limeira

A constante evolução do município no início da década de 30, com o grande desenvolvimento do comércio, das indústrias de máquinas de café, arroz e outros produtos, bem como a expansão da produção de laranja, divulgou além das fronteiras do município a fama de um grande progresso e qualidade de vida, atraindo famílias de várias regiões do País. Esta época foi momento de orgulho para os limeirenses, porém não houve tempo para o crescimento proporcional de alguns setores como o da Instrução Primária. O Primeiro Grupo

Escolar de Limeira, não mais suportava tanta clientela, deixando de realizar várias matrículas por falta de vagas. Devido ao fato, centenas de pais deixaram de matricular suas crianças. Por isso a população reivindicava a criação de um segundo grupo escolar.

Após várias solicitações da população juntamente com sua representante, a prefeita Maria Thereza Silveira de Barros Camargo, Limeira conquistou o seu segundo grupo escolar, criado pelo Interventor Federal Interino do Estado, Marcio Pereira Munhoz, por decreto nº. 6.708 de 28 de setembro de 1934, publicado no dia seguinte no Diário Oficial do Estado, para ser instalado em 1935.

No dia 4 de outubro de 1934, conforme ofício nº. 891 (Prefeitura Municipal de Limeira, de 3 de outubro de 1934), Limeira teve seu comércio paralisado das 12h30min às 16h, para que toda sociedade limeirense pudesse participar das festividades de lançamento da primeira pedra do edifício do Segundo Grupo Escolar, às 13 horas.

Em 30 de outubro de 1934, o prefeito interino de Limeira, o professor José Marciliano da Costa Júnior, solicitou à Secretaria de Educação e Saúde Pública do Estado providências para a construção do Segundo Grupo Escolar, de modo que este fosse iniciado com brevidade, pois um grande número de crianças estava sem acesso à instrução primária.

Para abreviar a construção, a Prefeitura Municipal informou ao Governo do Estado que em Limeira havia pessoas interessadas na construção do prédio do Segundo Grupo Escolar, prontificando-se a iniciá-lo e a terminá-lo, financiando para pagamentos a longo prazo e, também, além de questões educacionais, a Prefeitura Municipal justificou que o início das obras iria melhorar a própria estética urbana local.

Em fevereiro de 1935, durante a gestão do prefeito municipal Gumercindo Godoy, nada ainda havia sido feito a não ser a demarcação do terreno onde seria construído o novo prédio, e durante o restante daquele ano fora a única ação feita, relativa à construção do Segundo Grupo Escolar.

Mesmo havendo pessoas dispostas a financiar a construção do Grupo Escolar, a fim de aumentar o acesso de crianças ao Ensino Primário, questões políticas retardaram o início e a conclusão das obras. A partir do relato de Trajano de Barros Camargo Filho, filho da prefeita municipal da época, Maria Thereza Silveira de Barros Camargo, pode-se evidenciar essa situação:

[...] Diante disso, foi criado o Segundo Grupo Escolar de Limeira. Foi feita a concorrência pública e a firma que venceu a concorrência estava aguardando o governo liberar as verbas para que o grupo escolar fosse construído. Nesse tempo, a política contrária à minha mãe, do Partido Republicano Paulista, do Major Levy, fez um artigo dizendo que “esse Grupo só seria para os nossos netos”. Minha mãe, em vista disso contatou a firma que havia vencido a concorrência estabelecendo um acordo; de que iniciasse a construção do grupo escolar, que ela se responsabilizaria pelas despesas até que viesse a verba. Então iniciou-se a construção do Grupo “BRASIL”. Assim foi a primeira fase do Grupo “BRASIL”; foi criada e iniciada a construção. Nesse período mudou o governador, saindo o Dr. Armando de Salles Oliveira e sendo nomeado, Adhemar Pereira de Barros, como Interventor do Estado, e como era muito amigo do Major Levy, atendeu a um pedido do Major e interrompeu sua construção. Mais tarde, ao fim da gestão de Adhemar Pereira de Barros e sendo nomeado outro interventor, a construção do grupo escolar foi retomada. O Grupo “BRASIL” teve essa fase inicial difícil, a divisão política era muito grande e minha mãe sempre atenta a esses problemas da cidade, conseguiu com que fosse construído e transformado nesse belo estabelecimento que é hoje [...] (Trajano de Barros Camargo Filho apud ALMEIDA, 2007: 27).

Finalmente, em 8 de maio de 1935 instalou-se o Segundo Grupo Escolar de Limeira, sendo realizadas as matrículas e o início das aulas das primeiras turmas, porém os alunos estudariam em salas cedidas pelo Grupo Escolar “Cel. Flamínio Ferreira de Camargo” em seu terceiro período de aula. O estabelecimento de ensino constituiu-se inicialmente de dez classes, com um total de 381 alunos. E, posteriormente, também funcionou em mais salas cedidas pelo Colégio Santo Antonio, pois ainda não havia iniciado a obra de construção do grupo escolar. Essa situação perdurou até início de 1939.

O prédio do Segundo Grupo Escolar foi inaugurado solenemente em 7 de maio de 1939, durante a 1ª Festa da Laranja, realizada em seu prédio no período de 7 a 14 de maio, promovida pelo Rotary Club de Limeira.



Figura 1. Primeira Festa da Laranja em 1939. Vista do Largo José Bonifácio a partir do Segundo Grupo Escolar e à sua frente, a rua Dr. Trajano de Barros Camargo e a residência da família Levy, local agora ocupado pelo supermercado “Assai”.

Fonte: Almeida (2007: 33).

Recordo-me da 1ª Festa da Laranja e havia estátua de dois homens, que representavam apanhadores de laranja, estando um de costas ao outro e à frente de cada um, uma caixa de laranjas. Os festejos de inauguração do Grupo Escolar “BRASIL” - Grupo Novo - ocorreram no transcurso dessa Festa da Laranja. Neste período, sim, se poderia chamar Limeira de “Capital da laranja” (Osvaldo Ernesto Felizi, aluno do 3º e 4º anos de 1939 e 1940 apud ALMEIDA, 2007: 34).

3.2. Primeiro dia de aula

As aulas no prédio do 2º Grupo Escolar iniciaram apenas em março de 1939, em meio às obras finais de conclusão, pois o Colégio Santo Antonio seria reaberto e o 2º Grupo Escolar ficaria sem as salas que lá ocupava. Alunos que iniciaram o Ensino Primário em 1939 no Segundo Grupo Escolar, explicaram com detalhes onde foram seus primeiros dias de aulas:

Em 1939 começamos a estudar no “Clube dos Pretos” - Grêmio Recreativo Limeirense, prédio localizado na esquina entre as ruas Barão de Cascalho e Rua Tiradentes, pois o Grupo Escolar estava sendo construído e o Colégio Santo Antonio³ também havia emprestado algumas salas e fomos para lá. E quando aprontaram o porão do Grupo Escolar começamos a estudar nele, mas as obras ainda continuaram. (Jorge Aliberti; Dirceu Messias de Menezes; Horácio Tetzner; Milton Ferrari; Lázaro de Oliveira Couto, alunos de 1939 a 1942 apud ALMEIDA, 2007: 30).

Jorge Aliberti estudou no prédio do Segundo Grupo Escolar de 1939 a 1940 e até hoje guarda com muito zelo e carinho todos os cadernos desse período, e por meio de um deles confirmou a data exata em que iniciaram as aulas nesse novo grupo escolar:

Os cadernos vinham de Rio Claro, os que você não podia comprar, eles davam. No meu caderno do 1º ano está a data certinha e a fichinha que a própria professora, Dona “Cotinha” - Maria Pinto Sampaio - fez quando começamos a estudar no Grupo Escolar, pois apesar de estarmos estudando antes, só recebemos os cadernos quando o Grupo Escolar começou a funcionar (Jorge Aliberti, aluno de 1939 a 1942 apud ALMEIDA, 2007: 31).

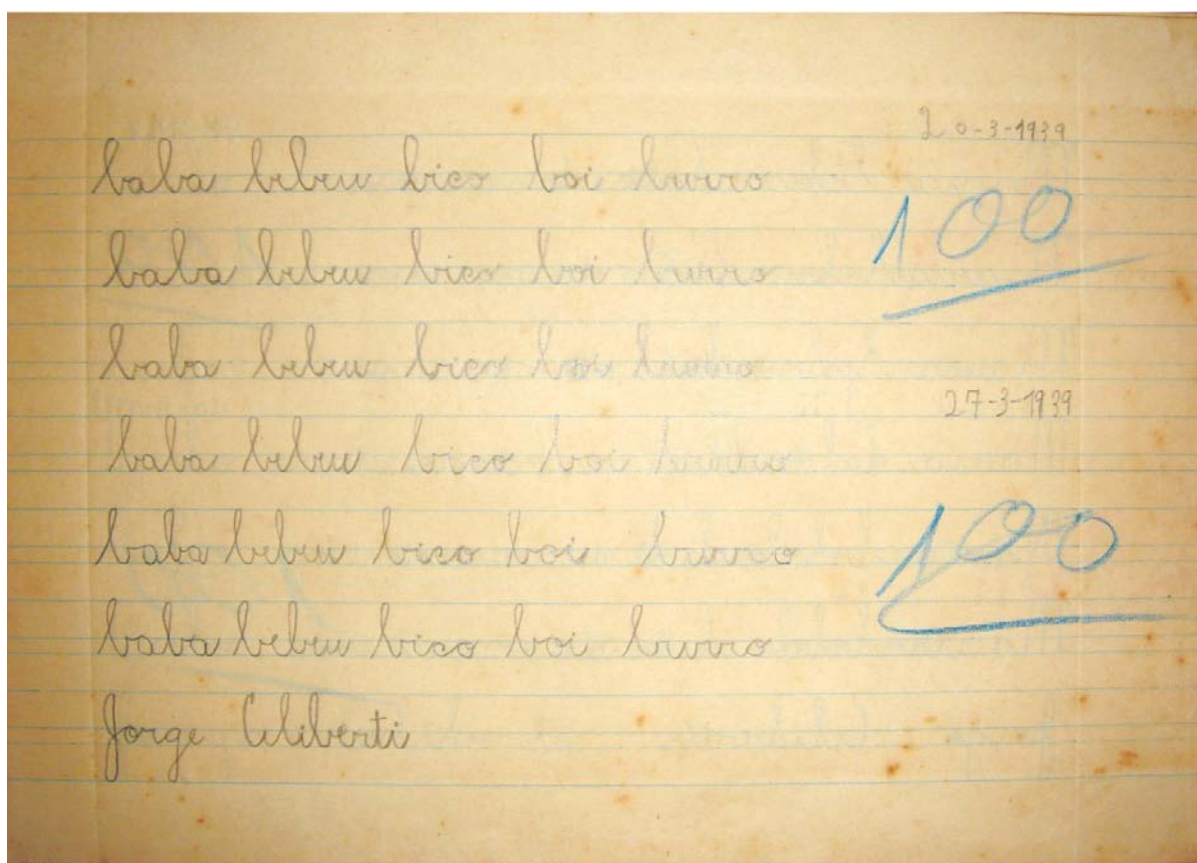


Figura 2. Primeira página do caderno de Caligrafia de Jorge Aliberti, constando a primeira atividade realizada por ele no 1º dia de aula no prédio do 2º Grupo Escolar. Observa-se no canto superior direito da página a data do 1º dia de aula dos alunos no grupo escolar: “20 de março de 1939”.

Fonte: Almeida (2007: 31).

³ Local onde atualmente situa-se a Escola Estadual “Professor Ely de Almeida Campos”

3.3. Grupo Escolar “BRASIL” e demais denominações



Figura 3. Grupo Escolar “BRASIL”, 1941. Á sua frente, o Largo José Bonifácio, composto naquela época por apenas uma árvore, o que permitia visualizar com perfeição a sua fachada, que atualmente encontra-se escondida pelo bosque ali formado.

Fonte: Almeida (2007: 35).

Em 28 de fevereiro de 1941, o então prefeito municipal Ary Levy Pereira, solicitou através do ofício nº. 5.078, ao secretário da Educação e Saúde Pública do Estado, Sr. Dr. Mario Guimarães de Barros Lins, que fosse dado ao Segundo Grupo Escolar de Limeira o nome de “BRASIL”, cujo ofício apresenta-se transcrito a seguir:

A prefeitura Municipal de Limeira pede muito respeitosamente a Vossa Excelência, a devida vênua para sugerir ou solicitar, seja dado ao Segundo Grupo Escolar desta cidade, o nome de “BRASIL”. Essa denominação, Excelentíssimo Senhor Doutor Secretário, viria como um complemento natural e grandioso, coroar a ação patriótica deste poder público municipal, que já deu às suas escolas municipais os nomes de todos os Estados brasileiros, tendo recebido um grupo escolar municipal há pouco constituído, o nome de “SÃO PAULO”. Aspiration natural, espontânea e ardente do povo limeirense, o nome de “BRASIL” seria um tributo a mais de civismo, erguido em honra de nossa Pátria pelos habitantes da “Capital da Laranja”, que assim, teriam um outro magnífico ensejo de ver exaltado na fachada desse grandioso estabelecimento educacional, como um incentivo e um florão de glória, o nome que simboliza todo um evangelho de luminosidade e esplendor. Agradeço penhoradamente a gentileza e a generosidade da boa acolhida à sugestão ora apresentada, e valho-me do ensejo para me firmar com máxima estima, apreço e muito atenciosamente. (Copiador de Cartas e

Ofícios: Centro Municipal de Memória Histórica de Limeira apud ALMEIDA, 2007: 36-37).

Logo após, em 27 de maio de 1941, por meio do decreto nº. 11.987, o Segundo Grupo Escolar da cidade passou a denominar-se Grupo Escolar “BRASIL”.

Em 1976, através da Resolução S.E. nº. 23/76, publicado no D.O.E. de 26/01/76, o Grupo Escolar “BRASIL” passa a ministrar o ensino de 1º grau até a 8ª série, sendo denominada de Escola Estadual de Primeiro Grau “BRASIL” - E. E. P. G. “BRASIL”.

Em 1990, por meio da Resolução S.E. 93/90, publicado no D.O.E. de 23/05/90, a escola passa a atender o ensino de 2º grau, sendo denominada de Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus “BRASIL” - E. E. P. S. G. “BRASIL”.

Em 1999, de acordo com a Resolução S.E. 37/99, publicado no D.O.E. de 24/04/96, a escola passa a denominar-se, simplesmente, Escola Estadual “BRASIL” - E. E. “BRASIL”, cujo nome prevalece até hoje.

3.4. Cotidiano escolar

2º GRUPO ESCOLAR LIMEIRA
(Denominação do Estabelecimento)

Aluno *Balthazar da Silveira*

M E S E S	Com- porta- mento	Aplica- ção	Compa- reci- mentos	Faltas	ASSINATURA DO PAI OU RESPONSÁVEL	RESIDÊNCIA
Fevereiro ...	95	60	20	2	<i>Jose P. Silveira</i>	<i>Rua Ipiranga 2582</i>
Março ...	100	75	27		<i>Jose P. Silveira</i>	<i>Rua Ipiranga 2582</i>
Abril ...	100	60	21		<i>Jose P. Silveira</i>	<i>Rua Ipiranga 2582</i>
Malo ...	100	68	25		<i>Jose P. Silveira</i>	<i>Rua Ipiranga 2582</i>
Junho ...	110	69	8		<i>Jose P. Silveira</i>	<i>Rua Ipiranga 2582</i>
Julho ...	90	69	22	2	<i>Jose P. Silveira</i>	<i>Rua Ipiranga 2582</i>
Agosto ...	85	70	27		<i>Jose P. Silveira</i>	<i>Rua Ipiranga 2582</i>
Setembro ...	90	68	23		<i>Jose P. Silveira</i>	<i>Rua Ipiranga 2582</i>
Outubro ...	90	70	25	1	<i>Jose P. Silveira</i>	<i>Rua Ipiranga 2582</i>
Novembro ...						

O professor *[Assinatura]* provado com a média *[Assinatura]*, no corrente ano letivo, tem o direito de matricular-se no _____ ano, do curso primário, mediante a apresentação deste boletim.
(por extenso) _____ de _____ de 1939.

(Assinatura da autoridade que presidiu aos exames)

Figura 4. Boletim de Balthazar da Silveira, 4º ano de 1939.

Fonte: Almeida (2007: 55).

Relativo à freqüência, tinha um boletim, a professora fazia a chamada e quem faltava, ela punha falta. No mês se tinha o comportamento, o comparecimento, aplicação e falta, aí vinha o boletim e você tinha que levar para o pai assinar; no outro mês a mesma coisa. [...] É muito interessante esse método, de levar para o pai ou a mãe assinar e não poderia levar de volta se não tivesse assinado, senão o filho não poderia

entrar na escola. Era um período severo, rigoroso, porém muito bom (Jorge Aliberti, aluno de 1939 a 1942 apud ALMEIDA, 2007: 56).



Figura 5. Professor Antonio Perches Lordello e sua turma de alunos do 4º Ano Masculino de 1940, na parte interna do Grupo Escolar. Da esquerda para a direita, de cima para baixo, estão: 2ª fileira, João Batista Borrelli (9º); 4ª fileira, Osvaldo Ernesto Felizi (9º).
Fonte: Almeida (2007: 58).

Esta é uma fotografia do Sr. Lordello com minha turma, todos com sapatos, o uniforme era uma camisa de manga curta branca, calça azul, meia branca e sapato, mas quando eu estava no outro Grupo, a minha turma ia descalça, então o governo obrigou os alunos a irem calçados. Eu tinha um irmão que estava em ano anterior a mim e nós dividíamos os mesmos sapatos. Eu ia com um pé de sapato e outro descalço. Cantávamos o Hino Nacional. No 4º ano tínhamos aula de música e até hoje eu sei as músicas que aprendi com o Sr. Lordello. O Sr. Lordello adorava música e cantava o Hino Nacional. Reprovi o 1º ano e o 2º ano, porque eu era um pouco levado e a professora não gostava de mim, reprovou pra se vingar e a partir daí fui para o 3º e o 4º ano e deslanchei, fiz o ginásio, o científico e nunca mais teve uma segunda época. Era uma escola de alto nível, bons professores e limpa, o diretor era uma autoridade. Minha classe era masculina. Só tenho a dizer palavras de elogios do Grupo “BRASIL” e de todos os professores. O Grupo “BRASIL” foi um orgulho [...] (João Batista Borrelli, aluno do 4º ano de 1940 apud ALMEIDA, 2007: 61-62).



Figura 6. Certificado de conclusão do 4º ano de Jorge Aliberti, 1942.
Fonte: Almeida (2007: 65).

[...] Tínhamos aula de religião todos os sábados e não havia merenda; cada um levava a sua. Os pais faziam questão de ver as notas que a gente tirava no boletim. Quando recebi o diploma, chorei porque não iria mais ver meus amiguinhos. Mesmo com 78 anos de idade, eu ainda sinto saudade do Grupo “BRASIL” e de todas as professoras (Jorge Aliberti, aluno de 1939 a 1942 apud ALMEIDA, 2007: 65).



Figura 7. Professora Isabel Ribeiro e sua turma de alunas 1º ano Feminino de 1954.
Fonte: Almeida (2007: 81).

No 1º e no 2º ano minhas classes eram mistas, mas havia duas carreiras de meninas e duas para meninos, não sentávamos misturados e no 3º e 4º ano não, eram separados os meninos das meninas. Mas para nós não fazia nenhuma diferença, a gente se respeitava. Íamos à escola para estudar, não havia nada de paquera, esse agarra-agarra. Mesmo no intervalo, as meninas brincavam de um lado e os meninos do outro, não deixavam misturar, ninguém nem podia chegar perto um do outro. Ficávamos separados, meninas poderiam brincar, mas com as meninas e os meninos com os meninos, era severo, a disciplina era ótima. Para sair do recreio formava-se fila, para entrar também se formava. De manhã, formava-se fila, tudo direitinho e começava assim, o menor primeiro e ia subindo, o maior era o último. Na fila já tinha a posição certa de cada um e a professora acompanhava até a entrada da classe. Para saber o momento de início da aula havia um sino, quando batia o sino cada classe formava sua fila, cada uma no seu lugar determinado e o professor vinha e acompanhava até à classe. Pra sair não, olhava no relógio e saía na hora certa, os alunos se enfileiravam no corredor e saíam um atrás do outro, era bem organizado, não havia baderna (Jorge Aliberti, aluno de 1939 a 1942 apud ALMEIDA, 2007: 69).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito fundamental durante o processo de registro dessa história foi compreender e apresentar a Escola Estadual “BRASIL” de uma forma minuciosa, empenhando-se, inicialmente, em revelar a origem da escola e, posteriormente, a razão de sua denominação “BRASIL”. Certificando-se de sua origem e das razões de seu nome, os esforços foram

concentrados em interrogá-la ao longo de todos esses anos, a fim de apresentá-la a toda sociedade.

A análise de documentos e relatos e a interpretação das fotografias foram capazes de desvendarem muitas incógnitas e revelaram inúmeras transformações no processo educacional ao longo da existência da escola. Agora, todo o histórico dessa instituição está registrado em imagens fotográficas e na fala de alguns de seus sujeitos que vivenciaram cada momento e cada situação, desde sua origem, como também ao longo de sua existência até os dias atuais. Se anteriormente não era conhecida suficientemente, hoje além de todas essas informações adquiridas, tornando-a mais íntima de sua sociedade, cada cidadão poderá aprender a admirá-la e a respeitá-la muito mais.

Constituir o registro dos fatos dessa escola foi uma tarefa prazerosa, porém nada simples. Devido à ausência de fontes bibliográficas, foi necessário juntar a sua história que estava fragmentada como um quebra-cabeça em que cada peça estava representada por fotos e relatos de cada um dos integrantes desse jogo, e embora se tenha juntado um grande número de peças, este jogo será contínuo, pois enquanto existir a Escola “BRASIL”, sempre surgirá novas peças, ficando uma lacuna representando os eventos que ainda estão por virem.

5. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, W. R. A. **Escola Estadual “Brasil”**: entre memórias e imagens. Limeira: Expressão, 2007.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em Educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.

GOMES, L. C. G. A história da educação através de imagens fotográficas e outras fontes complementares: vários espelhos de um mesmo objeto. **Vértices**, Campos dos Goytacazes, RJ, CEFET Campos, v. 5, n. 2, p. 39-62, maio/ago. 2003.

LOIZOS, P. Vídeo, filme e fotografias como documento de pesquisa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Ed.). **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.p. 137-155.

SIMSON, O. Som e imagem na pesquisa qualitativa em Ciências Sociais: reflexões de pesquisa. In: **Anais do Seminário “Pedagogia da Imagem, imagem na Pedagogia”**, Niterói (RJ) UFF, Faculdade de Educação, 1996. p. 88-101.